



Celia Gago <celiagago@gmail.com>

- Psicóloga Clínica
- Especialista em Teoria e Prática Junguiana (UVA)

Marfiza Ramalho Reis <marfizar@uol.com.br>

- Mestre em Psicologia Clínica - PUC/RJ
- Membro Analista Fundador da SBPA/RJ
- Membro aa ATF/RJ

A Pedra - No Meio do Caminho ou do Caminho do Meio

As autoras amplificam o símbolo da pedra a partir da recorrência desta imagem no processo analítico de uma mulher na segunda metade da sua vida. Mostram como os homens têm se relacionado com a pedra desde a Antiguidade e em várias tradições religiosas. Ressaltam a importância do símbolo pedra na vida de Jung e no folclore brasileiro. Consideram que, se por um lado, as pedras representam obstáculo e impedimento no caminho da individuação, por outro lado, simbolizam a atração e fascínio para uma nova vida. Enfatizam a importância da consideração afetiva com nossas imagens internas e a busca de seu sentido. No caso das pedras, lembram que boas ou más, preciosas ou falsas, encravadas ou extraídas têm sempre um significado que depende do modo como nos relacionamos com elas.

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Andrade, C. D. (1963)

São tantas pedras no caminho da individuação, que podemos dizer ser o processo uma "pedrada". Sempre nos interrogamos: será que é para acordar o nosso herói, ou seja, o nosso potencial de luta e força? Se as pedras nos incomodam e tantas vezes impedem nossas realizações, por que também nos encantam? O desejo de compreender melhor o simbolismo da pedra surgiu durante o processo analítico de uma paciente, no qual esse símbolo se repetiu até a sua extração. Essa paciente se encontra num estágio avançado do seu processo de individuação. Em uma das sessões, após a aplicação da técnica calatônica (SANDOR, 1974), ela escreveu:

“

São tantas
pedras no caminho
da individuação

”

Caminho

Trago os pés feridos, cansados
dessa longa caminhada.
O "caminho é de pedras"
como não poderia ser?
O chão rachado a meus pés
os pés rachados no chão
são uma coisa só, como irmãos
de sangue, unidos pela ferida.
Estrada, é o pé que faz
deixando marcas, vazios,
espaços não preenchidos
esforços para se manter de pé.
Difícil é a caminhada
mas diante desse nada
que a vida é ou pode ser
os pés podem ganhar asas
asas de borboleta
roçando de leve o chão
e apagando as feridas,
as marcas pelo caminho.
Deixando a estrada vazia
Pros novos pés que virão.

Passados alguns meses, sonhou:

Vejo você (a analista) bem alegre, com o cabelo com mechas e curto, na altura da orelha. Quando te abraço, já comento o corte, diferente, moderno. Você me mostra, levantando a parte da frente, que o topo da cabeça está raspado e tem uma grande cicatriz em forma de espinha de peixe. Você diz que fez uma cirurgia, e eu entendo que foi uma iniciação xamânica.

Você retirou pedras. Penso que foi no interior de Mato Grosso. Ao me contar, você falava ou dava a entender que não havia problema de eu saber, já que agora "éramos amigas".

Dias depois, sonhou:

Estou carregando um saco com pedrinhas coloridas, meio transparentes (como as que se coloca em aquário). São para fazer um trabalho artístico, tipo mosaico...

Até então, ela desconhecia o fato de que, na Idade Média e no Renascimento, imaginava-se que a loucura seria causada por uma pedra no cérebro, e que o caminho da cura seria sua extração. Esse tema foi satirizado na pintura de diversos artistas e, sincronisticamente, ela se depara, algum tempo depois dos sonhos, com uma reprodução do quadro "Extração da pedra da loucura", de Hieronimus Bosch. Sentiu uma emoção intensa ao ver a imagem.

A paciente já sabia da sua força e coragem na batalha por um "lugar ao sol", mas desconhecia – da mitologia nórdica – a luta de Thor contra o gigante Hrungrir (LEEMING, 2004, p.105-7). Thor, deus do trovão e da guerra, no momento em que atirava seu martelo mjollnir contra o inimigo, foi atingido pela pedra de amolar de Hrungrir e um grande fragmento da pedra se encravou na sua cabeça. Depois de matar o gigante e retornar a casa, Thor manda chamar a feiticeira Groa para ela retirar a pedra. Groa, no entanto, se distraiu quando Thor anunciou que seu marido estava vivo e voltaria brevemente. Transtornada pela alegria, ela esquece as magias, e, então, a pedra permanece encravada na cabeça do deus Thor, aquele que representa a força da natureza.

Em Estudos alquímicos, Jung nos conta que no xamanismo os cristais significam espíritos serviçais, provindos do trono de cristal do ser supremo, ou da abóbada celeste. Eles refletem os acontecimentos terrestres, revelam o que ocorre à alma do enfermo ou conferem ao homem o poder de voar. A loucura de Orestes é curada com uma pedra da Lacônia. Da mesma forma, Zeus é curado do seu mal de amor na pedra da Leucádia.

Boa pedra e má pedra ou pedra ruim, legítima, falsa, extraída ou encravada, deve ter sempre um significado. Como disse Hillman (1993, p.124):

Qualquer pedra – quer seja no solo, na palma da mão, esculpida numa estátua, usada como ferramenta ou respeitada como um amuleto – pode ser um objeto que fala, ou seja, um totem ou um fetiche dependendo de onde for colocada, como é cuidada, e de que seja ritualisticamente encarada.

Assim, tanto pode ser criativa ou destrutiva, dependendo do modo como nos relacionamos com ela. Quando usurpa o controle sobre a personalidade, temos a possessão pelo daimon – o nome tradicional para psicose ao longo da história. Refere-se não a uma entidade, mas a uma função fundamental e arquetípica da experiência humana, pois o interior do homem para os gregos era o daimon. Essa palavra foi utilizada por Platão, em "A República" como sinônimo de Theos (deus); e o poderoso Eros também era um daimon. Felicidade em grego se diz: endaimonia (BRANDÃO, 1987).

O simbólico – sym (gr.) = junto; balum (gr.) = lançar – symbollein é o que enlaça e integra o indivíduo consigo mesmo e com o grupo. Por outro lado o diabólico – di (gr.) = separar – dia-bollein é o que divide, desintegra e separa. Ambos os

“

imaginava-se
que a loucura seria
causada por uma
pedra no cérebro

”

aspectos estão presentes no daemônico (MAY, 1977), que é qualquer função natural que tenha o poder de dominar toda a pessoa. A psicoterapia é, nesse sentido, uma busca para convivermos com o daemônico, ou, com as pedras do caminho. Considerando que a palavra demônio só começa a aparecer nos séculos. II e III a.C, lembramos Jung (1991, par.166) ao dizer:

Os demônios nada mais são do que interferências do inconsciente, isto é, irrupções espontâneas na continuidade do processo consciente por parte dos complexos inconscientes. Os complexos são comparáveis a demônios que, caprichosamente, perturbam nossos pensamentos e ações; razão por que a Idade Antiga e Média consideravam possessão do demônio as graves perturbações neuróticas.

EM BUSCA DA PEDRA

Jung (2002, par. 128), referindo-se à escolha do símbolo da pedra pelos alquimistas, diz que "não seria engano supor que o símbolo da pedra é incomparavelmente mais antigo do que seu emprego na alquimia".

Na Antiguidade, as pedras eram consideradas como uma substância pura e sagrada. Os egípcios, em seu tributo, usaram-nas no embalsamamento das múmias e nas cerimônias religiosas de circuncisão. Como que dotadas de predicados divinos, cultos religiosos eram realizados em sua homenagem, até que a igreja decretou a sua abolição a partir do Concílio de Arles, no século V. No entanto, para que não houvesse abalo e resistências, conservaram os seus vestígios instituindo a veneração às invocações da Senhora de Pedra, da Penha, do Pilar. São Pedro, o príncipe dos apóstolos, é a pedra angular da Igreja Católica. A pedra d'ara nos altares católicos representa um sinal da pedra sacrificial, onde a vítima era imolada. Ungida e consagrada por um bispo, sobre ela é colocado o cálice. "Jesus também é chamado 'pedra angular', pedra fundadora do templo cósmico que é o Criado, cada um de nós, a humanidade total. Nesta luz é pois nomeado 'pedra' aquele ou aquela que participa dessa essencial realidade" (SOUZENELLE,1997, p.15)

“

A pedra d'ara
nos altares católicos
representa um sinal
da pedra sacrificial

”

O encontro de Jacó com um anjo é narrado no Gênesis (28,10). Ele adormece e sonha com anjos subindo e descendo uma escada de sete degraus. Despertado pelo som de uma trombeta tocada por um anjo, ele compreende que está em um lugar sagrado; ergue, então, como uma coluna, a pedra que fizera de travesseiro. Derrama nela azeite para consagrá-la e denomina o lugar Beith-el, a casa de Deus, o centro do mundo.

Os gregos tiveram pedras como deuses. A pedra e depois a pilastra foram as representações iniciais. Pedras redondas e negras, tendo uma alma, um deus fixado no seu interior representavam, às vezes, oráculo. Dessas cerimônias proveio o respeito às pedras dos umbrais e soleiras, ainda tão vivo no interior do Brasil.

O mito de Delfos – centro do mundo grego – conta que Zeus, para descobrir onde era o centro do mundo, tomou a forma de duas águias idênticas. Uma voou para oeste e a outra para leste e se encontraram em Delfos, onde fora colocada uma pedra negra, chamada ônfalo, em gr: omphalós = umbigo, centro. Naquele instante voaram em volta da pedra sete cisnes brancos, aves consagradas ao deus Apolo. Ali, então, foi construído o templo dedicado a Apolo e se tornou o centro do mundo grego antigo. Muito difundido o mito cosmogônico de Deucalião e Pirra, que apresenta a pedra como elemento fundamental. Relata que a humanidade, como castigo dos deuses, foi dizimada num dilúvio, restando apenas um casal modelar: Deucalião e Pirra. Eles foram, então, encarregados de repovoar o mundo. Por onde passavam, atiravam para trás os "ossos" da

Mãe Terra (pedras), que foram se transformando em homens e mulheres.

A lenda da fundação de Roma conta que os irmãos gêmeos Rômulo e Remo passaram um arado nas direções norte-sul, leste-oeste e marcaram, desse modo, o ponto de uma cruz que, para eles, era a manifestação do centro do mundo. Marcaram esse centro com uma pedra – o lapis niger – e ali construíram um templo dedicado ao deus Marte. Nesse templo, realizavam-se os rituais presididos pela congregação dos sacerdotes sális, guardiões da pedra negra.

O centro do mundo para os muçulmanos está na cidade de Meca, onde, incrustada numa das paredes de um templo, em forma cúbica, está a Caaba, uma pedra negra recebida por Maomé diretamente do céu. Todo fiel muçulmano deve ir a Meca, pelo menos uma vez na vida, e dar sete voltas em torno da Caaba.

O centro, marcado por um ponto, está sempre associado a um eixo, como por exemplo, a pedra na vertical, a cruz, um templo, uma árvore, uma montanha, etc. Lembra-nos o eixo ego-Self, assim como o "caminho do meio" do budismo. As imagens simbólicas mais abrangentes possuem formas circulares, cúbicas ou esféricas, ou têm características infinitas ou eternas. Nos mandalas atuais o centro costuma ser uma pedra preciosa. O ponto central simboliza o Princípio, o Fiat Lux do Gênese, o Ser Puro. Podemos dizer que é tanto o ponto de partida como a nossa busca para encontrar respostas às nossas inquietações aos mistérios da vida. Assim, representa também a nossa meta; o ponto de chegada.

Muitas culturas realizam rituais dançando em torno de um centro que recebe marcas específicas como, por exemplo, um totem, um mastro, pedra ou fogo como os tupis-guaranis, que dançam em torno de um círculo de pedras com fogo no centro, para quem falam de seus problemas. Relacionam-se assim com a fonte sagrada de poder e sabedoria, enquanto giram ao mesmo tempo em torno de si mesmos. Tornam-se, nesse processo, o centro onde se dá a manifestação divina.

As pedras, por suas características de origem, tais como solidez, imobilidade, durabilidade e permanência, são símbolos muito freqüentes do Self, representando a idéia de uma totalidade transcendente. Essa incorruptibilidade da pedra pode explicar o grande fascínio que exerce sobre nós. Talvez, segundo Von Franz (1964), porque a pedra simbolize a existência pura, distanciada das emoções e pensamentos discursivos do nosso ego. E, o costume de colocar pedras sobre os túmulos deve ter surgido da idéia simbólica de que algo eterno do morto subsiste e encontra nas pedras sua representação mais adequada.

NO FOLCLORE BRASILEIRO

"As pedras têm ouvido"; "fazer rir ou chorar as pedras"; "as pedras se encontram quanto mais as criaturas", são algumas das nossas locuções populares. Em Pernambuco, como escreveu Cascudo (1980, p.601), dizem: "Quando a gente no caminho dá uma topada em uma pedra, deve dizer 'Deus te salve', porque pode ser uma alma penada, purgando-se dos seus pecados". Pôr uma pedrinha na boca estimulando a salivação é um antiqüíssimo remédio sertanejo para não ter sede, assim como a idéia de que a cura da gaguez se faz falando com umas pedrinhas na boca. Um gesto comum entre os tropeiros é uma pedrinha umedecida na saliva e friccionada em ambos os calcanhares que, quando atirada por cima dos ombros, manda embora o cansaço. As pedras são suscetíveis de receber a fadiga e as moléstias humanas.

No interior do Brasil encontramos aos pés das cruzeiras que marcam lugares onde morreu, mataram ou sepultaram alguém, pequenos montes de seixos. Cada um

“

O ponto central
simboliza o Princípio,
o Fiat Lux do Gênese,
o Ser Puro

”

representa uma oração. Cada pessoa que passa reza em favor da alma do morto e ali lança uma pedrinha. Esse costume popular lembra o tributo feito ao deus grego Hermes que, entre outras funções, guiava as almas para outro mundo. Por ser também deus do comércio e dos viajantes, para agradecerem ou obterem bons lucros, os transeuntes lançavam uma pedra à beira da estrada, formando um monte – hermaion, cujo significado era “lucro inesperado, descoberta feliz” proporcionado por Hermes.

As superstições por meio de pedras preciosas como amuletos ou a promessa “mágica” de cada uma, evitando febres, mau-olhado, negócios desastrosos e trazendo felicidade no jogo e no amor, nas viagens e nos negócios acontecem no Brasil em todas as regiões. Há casas especializadas em vendas de pedras simbólicas.

NA VIDA DE JUNG

Algumas pessoas parecem ter um símbolo que as acompanha ao longo de sua história. Mesmo sendo acolhido, respeitado e aparentemente “compreendido”, este símbolo pode estar sempre se reapresentando, como se tivesse novas facetas a serem descobertas, como um enigma a ser incessantemente decifrado. Assim parece ter sido para Jung a recorrência simbólica da pedra, da infância até o fim da vida.

Aos sete anos, vivendo precocemente o questionamento da sua existência, Jung se sentava numa grande pedra do jardim onde realizava “jogos de pensamento”, perguntando-se (1975, p.32):

“

Sou aquele que está
sentado na pedra, ou
sou a pedra na qual
ele está sentado?

”

“Sou aquele que está sentado na pedra, ou sou a pedra na qual ele está sentado?” [...] Eu podia ficar sentado nela horas inteiras, enfeitiçado pelo enigma que ela me propunha.

Observamos, em suas memórias, a importância, para ele, da brincadeira infantil de construção com pedras que, num momento crítico na fase adulta, voltou a ser vivida como um ritual. Sempre que possível, antes ou depois de atender seus pacientes, a “brincadeira” de construção era uma espécie de atividade meditativa, que proporcionava clareza aos seus pensamentos e às suas fantasias. Se, na infância, sua atração pelas pedras era espontânea e inconsciente, na maturidade e velhice revelava sua identificação com o material que dava concretude às idéias e sentimentos. Compensava, como ele mesmo relata (1975, p.196), sua função intuitiva superior.

Trabalhando muito consegui, aos poucos, apoiar em terra firme minhas fantasias e os conteúdos do inconsciente. As palavras e os escritos não eram bastante reais para mim; era preciso outra coisa. Necessitava representar meus pensamentos mais íntimos e meu saber na pedra, nela inscrevendo, de algum modo, uma profissão de fé.

Essa necessidade o levou a construir, em Bollingen, a casa que, mais do que uma residência de férias, foi um monumento em pedra ao seu processo de individuação. As etapas da construção, correspondentes a momentos cruciais de sua vida, parecem ter constituído, para ele, ritos de passagem, uma vez que dera início à construção da Torre após a morte de sua mãe e finalizara depois da morte da esposa. Disse Jung (1975, p.1967):

A torre dava-me a impressão de que eu renascia na pedra. Nela via a realização do que antes era um vago pressentimento: uma representação da individuação.



O trabalho com as esculturas era uma das formas mais expressivas e eficientes para facilitar o fluxo de sua energia. A mais representativa, erigida à frente da Torre, tem uma história curiosa. No lugar de uma pedra angular, triangular, que havia encomendado para o muro do jardim, trouxeram uma cúbica. O pedreiro iria devolvê-la, porém, Jung imediatamente sentiu-se atraído por ela e, lembrando da poesia que fala da pedra do alquimista, ele a esculpiu numa face e escreveu (1975, p.199):

Eis a pedra, de humilde aparência.
No que concerne ao valor, pouco vale -.
Desprezam-na os tolos
E por isso mais a amam os que sabem.

Como num diálogo silencioso entre ele e o material, continuou esculpindo as outras faces. Além de procurar captar as imagens sugeridas pelo objeto, Jung também se mantinha conectado com as associações poéticas que lhe ocorriam, inscrevendo fragmentos literários diversos e permitindo à pedra "falar por si mesma". Após a morte de Emma, sua esposa, Jung procurou superar seu luto trabalhando com esculturas em pedras e a esse respeito disse (1975 p.155-6):

"Foi muito difícil estabilizar-me de novo e o contacto com a pedra ajudou-me consideravelmente".

Como símbolo, a pedra aparece numa vivência muito significativa, no período em que ficou hospitalizado em decorrência de um enfarte. Numa espécie de delírio

Mó - pedra de moinho.
Jardim Botânico, Rio de Janeiro.

ou visão, ele se viu sobrevoando a Terra, quando surgiu, flutuando como ele, um enorme bloco de pedra escuro semelhante às rochas do golfo de Bengala, onde são escavados templos. Em estado de êxtase ou sonho, encontrou no interior dessa pedra-templo uma espécie de guru, que o conduziu a uma profunda experiência interior.

Os estudos da Alquimia o levaram a perceber que suas idéias poderiam ser expressas, também, através das imagens alquímicas. Utilizando o opus alquímico como metáfora para o processo de individuação, assim como para ilustrar a relação transferencial, Jung (2002, p.131) viu na pedra "o mediador que unifica os opostos", ou seja, uma representação do Self. Como símbolo do Self, a imagem da pedra o acompanhou até o final da vida e apareceu no último sonho, segundo relato de Von Franz (1992, p.228), poucos dias antes dele morrer:

...ele viu uma grande pedra redonda num lugar alto, uma praça vazia, estando gravadas nela as palavras: "E isso será para ti um sinal de Totalidade e de Unidade." Então ele viu vários cálices à direita, numa praça aberta e num quadrângulo de árvores cujas raízes davam volta na terra e o envolviam, e havia entre as raízes brilhantes fios de ouro.

Pela sua dureza, a pedra pode simbolizar a nossa rigidez e se expressar em nossa vida como a "pedra no sapato" que não nos permite caminhar, ou no nosso corpo, através de sintomas. As pedras no caminho podem ser um obstáculo. No entanto, se percebidas como símbolo de imortalidade e da projeção da nossa alma, podem representar a "coagulação" saudável de nossa energia e expressar nossa criatividade. Para isso, é necessário que estabeleçamos, como fez Jung, uma relação de afeto e respeito com as nossas imagens simbólicas. A poesia Pedra-poema para Henri-Moore dedicada pelo poeta português Félix (2008) ao escultor parece expressar essa relação:

“
Ame o homem
a pedra e pronto

”

Um homem pode amar uma pedra
uma pedra amada por um homem não é uma pedra
mas uma pedra amada por um homem
O amor não pode modificar uma pedra
uma pedra é um objeto duro e inanimado
uma pedra é uma pedra e pronto
Um homem pode amar o espaço sagrado que vai de um homem a uma pedra
uma pedra onde comece qualquer coisa ou acabe
onde pouse a cabeça por uma noite
ou sobre a qual edifique uma escada para o alto
Uma pedra é uma pedra
(não pode o amor modificá-la nem o ódio)
Mas se a um homem lhe der para amar uma pedra
não seja uma pedra e mais nada
mas uma pedra amada por um homem
Ame o homem a pedra
e pronto.

Assim como os alquimistas que, na Idade Média, tiveram a intuição de que a tão procurada pedra simbolizava algo que só poderia ser encontrada dentro do homem, o sonho da nossa paciente reverberou no nosso imaginário com diferentes scripts buscando representações. "De quem é essa pedra"? "De que matéria 'prima' é feita"? Não sabemos, mas compreendemos que "quando duas substâncias se juntam as duas se transformam". Desse modo, o processo analítico acontece com cabeças se abrindo, pedras saindo e, como em Sísifo – herói da

mitologia grega – para cima ou para baixo, sempre em movimento. É assim que a vida acontece; com o peso do destino, da existência e da solidão. Da superfície à profundidade, a eterna busca de significado. E, como escreveu Brandão (1987, p.201), "O ocultus lapis, a pedra oculta, a pedra filosofal que renascerá das cinzas, será o *homo novus*, o homem novo, a Fênix, a Rosa". 

Bibliografia

- ANDRADE, C.D. No meio do caminho. In *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.
- BRANDÃO, J.S. *Mitologia grega*. v.2. Petrópolis: Vozes, 1967.
- CASCUDO, C. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: INL, 1980.
- FÉLIX, E. Pedra-poema para Henri-Moore. Disponível em: <www3.telus.net/eduardo_b_pinto/emanuelfelix.html>. Acesso: 5 de maio de 2008.
- HILLMAN, J. *Cidade e alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993
- JUNG, C.G. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975
- _____. *Tipos psicológicos*. O.C. 6. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. *Estudos Alquímicos*. O.C. 13. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LEEMING, D. *Do Olimpo a Camelot: um panorama da mitologia européia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004
- MAY, R. *Reflections and Cometary: The Psychology of Rollo May. A study in Existential Theory an Psycoterapy*. Sao Francisco: Jossey-Bass, 1977
- SANDOR, P. *Técnicas de relaxamento*. São Paulo: Vetor, 1974
- SOUZENELLE, A. *Le Féminin de l'Être*. Éditions Albin Michel, 1997.
- VON FRANZ, M. L. O processo de individuação. In JUNG, C.G. (org.). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- _____. *C.G. Jung, seu mito em nossa época*. São Paulo: Circulo do livro, 1992.